

REDATOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da União Operária Nacional

EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração — Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Lisboa — PORTUGAL

End. teleg. Tahaba — Lisboa • Telephone: 120

Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

EDIFICANDO

Pois é verdade. Os organismos sindicais da construção civil estão construindo três grandes edifícios, sob contrato que firmaram com um patrão que se chama Estado, como poderia chamar-se Francisco ou Beltrão, dois deles já muito adiantados, em Bemfica e que, se destinam à Escola Normal; o outro para instalação dos serviços médico-legais, ou melhor, a Morgue, estando em via de concluir um novo contrato para a edificação dum quarto edifício. Por agora diremos apenas que os operários, dirigidos por encarregados designados pela Federação da Construção Civil, trabalham em comandita.

O texto inglês é o seguinte:

And American ladies looked upon this sight for an hour and a half in the serene light of a Southern moon! (The Observer, de 3 de Agosto).

Não conhecemos detalhadamente, neste momento, as condições exactas em que estão sendo construídos pelos organismos da construção civil os três edifícios a que vimos de fazer referência, apesar de para as conhecermos não se nos tornar necessário realizar um grande esforço, uma vez que bem próximo do local onde traçamos estas linhas se encontram na ruela tarefa de todos-os-dias alguns militantes da Federação da Construção Civil, a quem neste momento não desejamos distrair as atenções dos assuntos em que elas estão postas. Procuraremos ouvir algum desses agitadores, em breve, e dessa conversa, que por certo será interessante, daremos conta aos leitores.

O que queremos fixar desde já é que o empreendimento, afigurando-se talvez a algumas pessoas de anônia importância, poderá exercer, quanto a nós, uma útil influência no mundo operário, porque produzindo porventura imóveis benefícios à corporação a quem directamente respeita, terá a virtude de ser o inicio dum preparação para cometimentos de maior vulto, preparação que reputamos muito necessária, do mesmo passo que sera um óptimo estímulo a outras corporações operárias, desde que se verifique uma serena disposição de passar-se do terror das teorias à dos factos e que se actue de modo a honrar os principios propagados.

Ha, porém, que tem em consideração a propaganda do exemplo, que falámos há dias, propaganda que, para ser fecunda, tem de ser realizada com sacrifício, com abnegação e com fé.

Amigos dos diabos

Os integralistas da Monarquia declaravam-se anteontem muito propensos ao sindicalismo. Ai tem vocês uma adesão comprometedora. Nas fileiras verde-rubras ouve-se dizer a meu mundo que sindicalistas e monárquicos várias vezes se tecem dão as mãos. Salam os senhores do órgão integralista, e com a sua postura parecem dar confirmação à venenosa atoarda. E' claro que tudo ficaria esclarecido se os redactores da Monarquia explicassem o que é por sindicalismo entendem. Os trabalhadores organizados, é claro — mas um pouco à maneira dos soldados, para que um soberano absoluto mais facilmente pudesse exercer sobre elas a opressão. Pois guardem lá a memória, que daqui não se toma nada.

Dormência

Todos nós temos constatado a raridade dos movimentos espontâneos de protesto da parte do povo português, contra as poucas vergonhas que a cada passo se praticam, ou se trate de especulação de vendedores, de destemperos revoltantes da polícia ou de tropas provocadoras dos poderosos. As companhias monopolistas fazem o que entendem e sobejamente tempo, sem que o público escute outros protestos que não sejam os platonismos estafados, estériles em absoluto. Um qualquer metatefe uniformizado, como é já banal ver-se, espanca ou insulta uma multidão. E raro é que, da parte dessa, saia a resposta condigna ou o fredo preciso que mantenha em comedimento os desrespeitadores profissionais dos direitos populares. A sujeição de séculos fez-nos calos na alma, não há dúvida. Quando começaremos a ter constantemente presente no espírito a ideia de que um homem não tem direito a nenhuma a cavalgar outro?

Revolta de marinheiros ingleses

Segundo lemos no *Avanti!* de Milão, em telegrama de Viena, publicado no número de 11 do corrente,

Os marinheiros ingleses, que estavam em Baku para defesa daquela base naval contra os Soviéticos da Rússia, amotinaram-se, içando a bandeira vermelha nos navios e reclamando o imediato regresso à pátria.

Depois, todas as revoluções e manifestações proletárias e genuinamente socialistas tem avorado o rubro penânsio, sem compromisso nem mistura. E a flutua é, alto e estridente, para as bandas do Oriente, como um arrebo a anunciar o próximo fim do horrível pesadelo capitalista...

Sobre um ofício recebido da Associação dos Soldados de Setúbal, referente à sua congénere de Olhão, a comissão participa-lhes que de facto esta última se pode considerar aderente ao Congresso, tendo pago já as respectivas cotas.

Trabalhadores: Auxiliais os ferroviários

A BATALHA, que tem recebido vários alvitres a propósito da ideia lançada pelo camarada Eduardo Freitas, já recebeu também uma importante oferta de que em breve daremos conhecimento aos nossos leitores.

NOTAS & COMENTARIOS

Uma lição de geografia

la-nos passando despercebida, mas nela amiga nos mostra uma nova perspectiva da gente da Monarquia. Como traduzissemos dum jornal inglês a narração dum linchamento na América do Norte, na qual se dizia: «Senhoras americanas contemplaram este espetáculo durante hora e meia, sob um sereno luar meridional!», os finíos concluíram logo que tinhamos forjado a notícia, porque, aos pontapés a geografia, puseram meridional em vez de setentrional! Uns alhos!

O texto inglês é o seguinte:

And American ladies looked upon this sight for an hour and a half in the serene light of a Southern moon! (The Observer, de 3 de Agosto).

E' que o caso passa-se (o que não omitimos na notícia) em Vicksburg, no Estado de Mississippi, no sul dos Estados Unidos. Segundo os asnos vestidos e calçados da Monarquia, não se poderia chamar meridional, na Europa, aos espanhóis e portugueses, e em Portugal aos argaricos!

É levanta-se um padeiro à meia noite para dar pão a tão egrégias calvagadas!

Um grande crime

Concertam entre si as potências burguesas um plano de ataque à Rússia bolchevista. A Inglaterra dará armas e municiões, os Estados Unidos fornecerão ouro, e Morgan, o arquimilionário ora, pudera — também subsidiará a aventura com um empréstimo digno da sua fortuna fabulosa. «Falará, não falará, esta tentativa orienta de esmagamento à Nova Rússia? E' convicção nossa de que fala. Mas quer o crime chegue a consumar-se, quer não passe de uma premeditação abandonada, não deixa de ser crime e dos mais revoltantes que nos últimos tempos se tem perpetrado. O admirável é que muitas boas pessoas que se reclamam amantes da liberdade, respeitadoras dos preceitos da tolerância, inimigas de assaltos a jornais, e possuidoras ainda de muitas mais virtudes, aplaudam esse crime com as suas razões, dizendo de sua justiça, mostrando que é por uma sistemática intrusão que o patrão lhes não dá trabalho. Abrem-se com o ministro.

Contam-lhe tudo. Desafogam com ele, supondo, na sua boa fé, que aquele funcionário trataria do caso com a imparcialidade que a doutrina democrática impõe.

É sintonático. Que importa que uma empresa qualquer prejudique seu pessoal lançando-o na maior das misérias? O mal para o país, a desordem, não está aí. Está ali os bolchevistas que vão fazer a revolução social.

Estimam os nossos alfaiares, nos carpinteiros que pedem mais pão.

Nas empresas não. Essas são muito patrióticas e muito da cor do governo.

Os integralistas da Monarquia declaravam-se anteontem muito propensos ao sindicalismo. Ai tem vocês uma adesão comprometedora. Nas fileiras verde-rubras ouve-se dizer a meu mundo que sindicalistas e monárquicos várias vezes se tecem dão as mãos. Salam os senhores do órgão integralista, e com a sua postura parecem dar confirmação à venenosa atoarda. E' claro que tudo ficaria esclarecido se os redactores da Monarquia explicassem o que é por sindicalismo entendem. Os trabalhadores organizados, é claro — mas um pouco à maneira dos soldados, para que um soberano absoluto mais facilmente pudesse exercer sobre elas a opressão. Pois guardem lá a memória, que daqui não se toma nada.

Amigos dos diabos

Todos nós temos constatado a raridade dos movimentos espontâneos de protesto da parte do povo português, contra as poucas vergonhas que a cada passo se praticam, ou se trate de especulação de vendedores, de destemperos revoltantes da polícia ou de tropas provocadoras dos poderosos. As companhias monopolistas fazem o que entendem e sobejamente tempo, sem que o público escute outros protestos que não sejam os platonismos estafados, estériles em absoluto. Um qualquer metatefe uniformizado, como é já banal ver-se, espanca ou insulta uma multidão. E raro é que, da parte dessa, saia a resposta condigna ou o fredo preciso que mantenha em comedimento os desrespeitadores profissionais dos direitos populares. A sujeição de séculos fez-nos calos na alma, não há dúvida. Quando começaremos a ter constantemente presente no espírito a ideia de que um homem não tem direito a nenhuma a cavalgar outro?

Revolta de marinheiros ingleses

Segundo lemos no *Avanti!* de Milão, em telegrama de Viena, publicado no número de 11 do corrente,

Os marinheiros ingleses, que estavam em Baku para defesa daquela base naval contra os Soviéticos da Rússia, amotinaram-se, içando a bandeira vermelha nos navios e reclamando o imediato regresso à pátria.

Depois, todas as revoluções e manifestações proletárias e genuinamente socialistas tem avorado o rubro penânsio, sem compromisso nem mistura. E a flutua é, alto e estridente, para as bandas do Oriente, como um arrebo a anunciar o próximo fim do horrível pesadelo capitalista...

Sobre um ofício recebido da Associação dos Soldados de Setúbal, referente à sua congénere de Olhão, a comissão participa-lhes que de facto esta última se pode considerar aderente ao Congresso, tendo pago já as respectivas cotas.

Trabalhadores: Auxiliais os ferroviários

A BATALHA, que tem recebido vários alvitres a propósito da ideia lançada pelo camarada Eduardo Freitas, já recebeu também uma importante oferta de que em breve daremos conhecimento aos nossos leitores.

NOTAS & COMENTARIOS

Uma lição de geografia

la-nos passando despercebida, mas nela amiga nos mostra uma nova perspectiva da gente da Monarquia. Como traduzissemos dum jornal inglês a narração dum lynchamento na América do Norte, na qual se dizia: «Senhoras americanas contemplaram este espetáculo durante hora e meia, sob um sereno luar meridional!», os finíos concluíram logo que tinhamos forjado a notícia, porque, aos pontapés a geografia, puseram meridional em vez de setentrional! Uns alhos!

O texto inglês é o seguinte:

And American ladies looked upon this sight for an hour and a half in the serene light of a Southern moon! (The Observer, de 3 de Agosto).

E' que o caso passa-se (o que não omitimos na notícia) em Vicksburg, no Estado de Mississippi, no sul dos Estados Unidos. Segundo os asnos vestidos e calçados da Monarquia, não se poderia chamar meridional, na Europa, aos espanhóis e portugueses, e em Portugal aos argaricos!

É levanta-se um padeiro à meia noite para dar pão a tão egrégias calvagadas!

Um grande crime

Concertam entre si as potências burguesas um plano de ataque à Rússia bolchevista. A Inglaterra dará armas e municiões, os Estados Unidos fornecerão ouro, e Morgan, o arquimilionário ora, pudera — também subsidiará a aventura com um empréstimo digno da sua fortuna fabulosa. «Falará, não falará, esta tentativa orienta de esmagamento à Nova Rússia? E' convicção nossa de que fala. Mas quer o crime chegue a consumar-se, quer não passe de uma premeditação abandonada, não deixa de ser crime e dos mais revoltantes que nos últimos tempos se tem perpetrado. O admirável é que muitas boas pessoas que se reclamam amantes da liberdade, respeitadoras dos preceitos da tolerância, inimigas de assaltos a jornais, e possuidoras ainda de muitas mais virtudes, aplaudam esse crime com as suas razões, dizendo de sua justiça, mostrando que é por uma sistemática intrusão que o patrão lhes não dá trabalho. Abrem-se com o ministro.

Contam-lhe tudo. Desafogam com ele, supondo, na sua boa fé, que aquele funcionário trataria do caso com a imparcialidade que a doutrina democrática impõe.

É sintonático. Que importa que uma empresa qualquer prejudique seu pessoal lançando-o na maior das misérias? O mal para o país, a desordem, não está aí. Está ali os bolchevistas que vão fazer a revolução social.

Estimam os nossos alfaiares, nos carpinteiros que pedem mais pão.

Nas empresas não. Essas são muito patrióticas e muito da cor do governo.

Os integralistas da Monarquia declaravam-se anteontem muito propensos ao sindicalismo. Ai tem vocês uma adesão comprometedora. Nas fileiras verde-rubras ouve-se dizer a meu mundo que sindicalistas e monárquicos várias vezes se tecem dão as mãos. Salam os senhores do órgão integralista, e com a sua postura parecem dar confirmação à venenosa atoarda. E' claro que tudo ficaria esclarecido se os redactores da Monarquia explicassem o que é por sindicalismo entendem. Os trabalhadores organizados, é claro — mas um pouco à maneira dos soldados, para que um soberano absoluto mais facilmente pudesse exercer sobre elas a opressão. Pois guardem lá a memória, que daqui não se toma nada.

Amigos dos diabos

Todos nós temos constatado a raridade dos movimentos espontâneos de protesto da parte do povo português, contra as poucas vergonhas que a cada passo se praticam, ou se trate de especulação de vendedores, de destemperos revoltantes da polícia ou de tropas provocadoras dos poderosos. As companhias monopolistas fazem o que entendem e sobejamente tempo, sem que o público escute outros protestos que não sejam os platonismos estafados, estériles em absoluto. Um qualquer metatefe uniformizado, como é já banal ver-se, espanca ou insulta uma multidão. E raro é que, da parte dessa, saia a resposta condigna ou o fredo preciso que mantenha em comedimento os desrespeitadores profissionais dos direitos populares. A sujeição de séculos fez-nos calos na alma, não há dúvida. Quando começaremos a ter constantemente presente no espírito a ideia de que um homem não tem direito a nenhuma a cavalgar outro?

Revolta de marinheiros ingleses

Segundo lemos no *Avanti!* de Milão, em telegrama de Viena, publicado no número de 11 do corrente,

Os marinheiros ingleses, que estavam em Baku para defesa daquela base naval contra os Soviéticos da Rússia, amotinaram-se, içando a bandeira vermelha nos navios e reclamando o imediato regresso à pátria.

Depois, todas as revoluções e manifestações proletárias e genuinamente socialistas tem avorado o rubro penânsio, sem compromisso nem mistura. E a flutua é, alto e estridente, para as bandas do Oriente, como um arrebo a anunciar o próximo fim do horrível pesadelo capitalista...

Sobre um ofício recebido da Associação dos Soldados de Setúbal, referente à sua congénere de Olhão, a comissão participa-lhes que de facto esta última se pode considerar aderente ao Congresso, tendo pago já as respectivas cotas.

Trabalhadores: Auxiliais os ferroviários

A BATALHA, que tem recebido vários alvitres a propósito da ideia lançada pelo camarada Eduardo Freitas, já recebeu também uma importante oferta de que em breve daremos conhecimento aos nossos leitores.

NOTAS & COMENTARIOS

Uma lição de geografia

la-nos passando despercebida, mas nela amiga nos mostra uma nova perspectiva da gente da Monarquia. Como traduzissemos dum jornal inglês a narração dum lynchamento na América do Norte, na qual se dizia: «Senhoras americanas contemplaram este espetáculo durante hora e meia, sob um sereno luar meridional!», os finíos concluíram logo que tinhamos forjado a notícia, porque, aos pontapés a geografia, puseram meridional em vez de setentrional! Uns alhos!

O texto inglês é o seguinte:

And American ladies looked upon this sight for an hour and a half in the serene light of a Southern moon! (The Observer, de 3 de Agosto).

E' que o caso passa-se (o que não omitimos na notícia) em Vicksburg, no Estado de Mississippi, no sul dos Estados Unidos. Segundo os asnos vestidos e calçados da Monarquia, não se poderia chamar meridional, na Europa, aos espanhóis e portugueses, e em Portugal aos argaricos!

É levanta-se um padeiro à meia noite para dar pão a tão egrégias calvagadas!

Um grande crime

Concertam entre si as potências burguesas um plano de ataque à Rússia bolchevista. A Inglaterra dará armas e municiões, os Estados Unidos fornecerão ouro, e Morgan, o arquimilionário ora, pudera — também subsidiará a aventura com um empréstimo digno da sua fortuna fabulosa. «Falará, não falará, esta tentativa orienta de esmagamento à Nova Rússia? E' convicção nossa de que fala. Mas quer o crime chegue a consumar-se, quer não passe de uma premeditação abandonada, não deixa de ser crime e dos mais revoltantes que nos últimos tempos se tem perpetrado. O admirável é que muitas boas pessoas que se reclamam amantes da liberdade, respeitadoras dos preceitos da tolerância, inimigas de assaltos a jornais, e possuidoras ainda de muitas mais virtudes, aplaudam esse crime com as suas razões, dizendo de sua justiça, mostrando que é por uma sistemática intrusão que o patrão lhes não dá trabalho. Abrem-se com o ministro.

Contam-lhe tudo. Desafogam com ele, supondo, na sua boa fé, que aquele funcionário trataria do caso com a imparcialidade que a doutrina democrática impõe.

É sintonático. Que importa que uma empresa qualquer prejudique seu pessoal lançando-o na maior das misérias? O mal para o país, a desordem, não está aí. Está ali os bolchevistas que vão fazer a revolução social.

Estimam os nossos alfaiares, nos carpinteiros que pedem mais pão.

Nas empresas não. Essas são muito patrióticas e muito da cor do governo.

Os integralistas da Monarquia declaravam-se anteontem muito propensos ao sindicalismo. Ai tem vocês uma adesão comprometedora. Nas fileiras verde-rubras ou

NA MANUTENÇÃO MILITAR

O SR. DIRECTOR

longe de contestar o que aqui temos dito
sobre as suas pioezas, persegue os operários
que supõe informadores de A BATALHA ::

Se fôssemos analizar e comentar aqui, dia a dia, as pioezas praticadas pelos que mandam sobre os que obedecem, dos que não trabalham sobre os que labutam pela vida que lhes é tam difícil, não chegaria o pouco espaço do nosso jornal para dar aos patifes o devido correctivo. Não se preocupariam eles muito com isso - valha a verdade. Descomposturas para quem não tem vergonha de nada valem.

Por isso em claro deixamos passar tropelias e tropelias de que cotidianamente são vidas os trabalhadores.

Mas esta da Manutenção, por levar a palma a tudo quanto do vandálico se tem praticado sobre nós, não pode passar sem que apresentemos aqui, visto que dentro modo o não podemos fazer, o nosso protesto contra as violências e arbitrariedades do "sr. director". Porque, se possível fôssemos fazer o que lhes cumpria, já há muito teríam os operários da Manutenção corrido a pontapés os que pretendem fazer delas palhaços de circo.

E não se trata do sr. director apenas. O capitão Menezes, filho dum operário, como ele próprio confessa, é o alma danada de tudo quanto se tem feito contra os operários daquele estabelecimento. Não se lembra o diabo do homem que quem o sustenta são os operários que trabalham como trabalhava o pai dele.

Mas vamos ao que importa, que são as pioezas do "sr. director" ou, se não dele, por ele sancionadas.

Aqui as iremos dando à estampa à medida que das fôrmas tendem conhecimento, deixando, na maior parte, os comentários à vontade dos leitores.

Leu o homem o que aqui dissemos, num destes dias, das suas arbitrariedades, e quis, em vez de contestar as nossas afirmações, dar a melhor prova de que lhe faltava a autoridade para nos desmentir, ameaçando com a suspensão os operários que supõe autores do que temos publicado, e oferecendo melhores lugares para os que os denunciavam.

E' uma perseguição infame movida contra o pessoal. Persiguição que é justificada, tam arbitria que o "sr. director" recorre a processos inquisitoriais para evitar que sejam escandalizados os seus actos condonáveis.

Pois pode fazer o que quiser, visto que é ditador. Mas ligue sabendo que, sejam quais forem os seus processos de defesa, em vez de contestar as nossas afirmações, deu a melhor prova de que

desmentir, ameaçando com a suspensão os operários que supõe autores do que temos publicado, e oferecendo melhores lugares para os que os denunciavam.

As ameaças que aqui dissemos, desde amanhã as operárias abaiu mencionadas, pagas dos seus vencimentos até hoje: N.º 4, Leocádia da Conceição; 15, América Abrantes; 35, Horten-

Perseguições governamentais

As greves

Corticeiros de Belém

Encontra-se solucionada a greve dos operários quadradores da fábrica Percy-Ellis, no Almílho, mediante o aumento de salário nalguns calibres e com o compromisso de se não exercerem repressões contra qualquer operário.

E como? Congregando-nos, como um só homem, em volta do nosso organismo e assim pela unificação dos nossos esforços reagir contra tam despoticas intenções e podemos estar certos de que, através de todas as perseguições que mova à nossa associação, aquele senhor não conseguirá derrubá-la, porque encontrará em redor do organismo, nosso genuíno representante, uma pleia de defensores.

Conferências

Realiza-se amanhã, pelas 21 horas, na sede do Centro Socialista de Lisboa, à rua do Bemfimoso, 160 1.º a 10.º, a conferência de que a Comissão de Instrução e Propaganda está levando a efeito.

Será conferente o deputado socialista cr. Costa Júnior, que tratará do seguinte assunto: "O socialismo e a higiene".

Convida-se todos os trabalhadores a assistirem a esta conferência.

A entrada é pública.

COLUNA ESPERANTISTA

Frigata Stelo. - Continua aberta a inscrição para um curso elementar de Esperanto, a inaugurar-se próximamente, mês de Setembro.

As inscrições devem ser feitas na secretaria operária.

Além disso, se convoca todo o operariado de Belém, assim como assistir à inauguração oficial, que muito brevemente se anuncia.

Choque eléctrico

A propósito deste caso, o que ontem nos referimos, procurou o sr. Armando de Oliveira para nos dizer que é inteiramente desistida de verdade a versão de que o desastre de que fôr vítima num carro procedeu do próprio Bento Ilda, que alegava.

Além disso, o operariado de Belém, assim como assistir à inauguração oficial, que muito brevemente se anuncia.

Crianças abandonadas

No dia 22 do corrente, faleceu em casa, travessa da Trabuqueta, 31, Alfredo Ferreira de Matos, vinho, oficial de barbeiro, deixando na orfanato duas filhas: Lucinda Ferreira, de 12 anos e Ema Ferreira, de 11 anos.

Como não possuam recursos de especie alguma, foram atentos alimentadas por pessoas caridosas, que tiveram do delas. O caso do abandonado ter participado ao júiz de paz de São Paulo, que, procedendo a averiguações, soube que as menores tinham um tio

de nome Manuel Ferreira de Matos, barbeiro e residente na rua Gilberto Rola, 31, mandando-as ali apresentar,

não sendo porém, recebidas. Então a mesma autoridade fez com que fossem apresentadas ao comissariado geral da polícia, sendo solicitado o auxílio do Albergue das Crianças Abandonadas, a fim de elas ali serem internadas, o que foi aceite tendo dada ontem entrada naquela casa de caridade.

Agreção

No Banco do Hospital de S. José, foi pensado Caetano Nunes, de 26 anos, canteiro, residente na rua Martin Vaz, 22, loja, que tendo entrado à sua fáim de comprar vinho, foi assaltado por um grupo de indivíduos que não conhece, que o agrediu à paulada, fazendo-lhe um ferimento na cabeça.

Seguiu para casa.

Quedas

Para a enfermaria 3 (S. João Baptista) entrou Manuel Martins, de 11 anos, residente na rua do Aquirar, no Bento, 8.º, que, próximo da residência, caiu de um muro, ficando muito contuso pelo corpo.

No dia 21, foi pensado Alberto Fernandes, de 4 anos, caseiro, morador na Senhora de Santana, pátio do Rocha, 1, que caiu da Ponte Nova, em Alcântara, ficando ferido à cabeça.

No Banco do Hospital de S. José, onde foi consultado, no dia 22, V. José, depois de receber os primeiros socorros, foi assaltado por um grupo de indivíduos que não conhece, que o agrediu à paulada, fazendo-lhe um ferimento na cabeça.

Somos ainda informados de que um dos polícias que foram postados à porta da fábrica para garantir a liberdade de trabalho, certamente por não compreender o que isto seja, o que não admira porquanto nós também já não compreendemos como isso se traduz no nosso país, se permitiu a liberdade de insultar e ameaçar em sócio uma das camaradas que, precisamente, porque era digna, foi dispensada.

Sessão nos Operários do Municipio

E' hoje que se realiza, pelas 21 horas, na sede deste sindicato, travessa da Agua de Flor, 20, 1.º, uma sessão de protesto e repúdio às prisões e arbitrariedades cometidas pelo governo contra a organização operária, devendo usar da palavra delegados da U. O. N., U. S. O., Federação de Indústria e Comissão Pó-pressos.

Convida-se todo o operariado em geral, e em especial os operários municipais, a assistir à mesma sessão, mostrando assim a sua solidariedade para com os camaradas vítimas da ação governamental e capitalista.

Autoações

No ultimo dia, a polícia de seguranças da fábrica de tabaco, pessoal da "Regie", em favor dos cerâmicos de Sacavém, a quantia de 12554 quando devia ser 22504.

Atacado de loucura

Quaseu-se a polícia Luisa Rosa Paz, na Nova da Piedade, 93, 3.º, de que seu marido Manuel Higino da Paz, de 60 anos, empregado na alfândega, desapareceu da casa, quando iniciais de alienação mental.

Pejamento: 10 presos; 75, por surtar a fúria; 50, monos por descontar os patos; 5, por mordigar 2; por excesso de velocidade; 3; por abandono dos caixões do lito, 8.

Atacado de loucura

Quaseu-se a polícia Luisa Rosa Paz, na Nova da Piedade, 93, 3.º, de que seu marido Manuel Higino da Paz, de 60 anos, empregado na alfândega, desapareceu da casa, quando iniciais de alienação mental.

Atacado de loucura

Quaseu-se a polícia Luisa Rosa Paz, na Nova da Piedade, 93, 3.º, de que seu marido Manuel Higino da Paz, de 60 anos, empregado na alfândega, desapareceu da casa, quando iniciais de alienação mental.

Atacado de loucura

Quaseu-se a polícia Luisa Rosa Paz, na Nova da Piedade, 93, 3.º, de que seu marido Manuel Higino da Paz, de 60 anos, empregado na alfândega, desapareceu da casa, quando iniciais de alienação mental.

Atacado de loucura

Quaseu-se a polícia Luisa Rosa Paz, na Nova da Piedade, 93, 3.º, de que seu marido Manuel Higino da Paz, de 60 anos, empregado na alfândega, desapareceu da casa, quando iniciais de alienação mental.

Atacado de loucura

Quaseu-se a polícia Luisa Rosa Paz, na Nova da Piedade, 93, 3.º, de que seu marido Manuel Higino da Paz, de 60 anos, empregado na alfândega, desapareceu da casa, quando iniciais de alienação mental.

Atacado de loucura

Quaseu-se a polícia Luisa Rosa Paz, na Nova da Piedade, 93, 3.º, de que seu marido Manuel Higino da Paz, de 60 anos, empregado na alfândega, desapareceu da casa, quando iniciais de alienação mental.

Atacado de loucura

Quaseu-se a polícia Luisa Rosa Paz, na Nova da Piedade, 93, 3.º, de que seu marido Manuel Higino da Paz, de 60 anos, empregado na alfândega, desapareceu da casa, quando iniciais de alienação mental.

Atacado de loucura

Quaseu-se a polícia Luisa Rosa Paz, na Nova da Piedade, 93, 3.º, de que seu marido Manuel Higino da Paz, de 60 anos, empregado na alfândega, desapareceu da casa, quando iniciais de alienação mental.

Atacado de loucura

Quaseu-se a polícia Luisa Rosa Paz, na Nova da Piedade, 93, 3.º, de que seu marido Manuel Higino da Paz, de 60 anos, empregado na alfândega, desapareceu da casa, quando iniciais de alienação mental.

Atacado de loucura

Quaseu-se a polícia Luisa Rosa Paz, na Nova da Piedade, 93, 3.º, de que seu marido Manuel Higino da Paz, de 60 anos, empregado na alfândega, desapareceu da casa, quando iniciais de alienação mental.

Atacado de loucura

Quaseu-se a polícia Luisa Rosa Paz, na Nova da Piedade, 93, 3.º, de que seu marido Manuel Higino da Paz, de 60 anos, empregado na alfândega, desapareceu da casa, quando iniciais de alienação mental.

Atacado de loucura

Quaseu-se a polícia Luisa Rosa Paz, na Nova da Piedade, 93, 3.º, de que seu marido Manuel Higino da Paz, de 60 anos, empregado na alfândega, desapareceu da casa, quando iniciais de alienação mental.

Atacado de loucura

Quaseu-se a polícia Luisa Rosa Paz, na Nova da Piedade, 93, 3.º, de que seu marido Manuel Higino da Paz, de 60 anos, empregado na alfândega, desapareceu da casa, quando iniciais de alienação mental.

Atacado de loucura

Quaseu-se a polícia Luisa Rosa Paz, na Nova da Piedade, 93, 3.º, de que seu marido Manuel Higino da Paz, de 60 anos, empregado na alfândega, desapareceu da casa, quando iniciais de alienação mental.

Atacado de loucura

Quaseu-se a polícia Luisa Rosa Paz, na Nova da Piedade, 93, 3.º, de que seu marido Manuel Higino da Paz, de 60 anos, empregado na alfândega, desapareceu da casa, quando iniciais de alienação mental.

Atacado de loucura

Quaseu-se a polícia Luisa Rosa Paz, na Nova da Piedade, 93, 3.º, de que seu marido Manuel Higino da Paz, de 60 anos, empregado na alfândega, desapareceu da casa, quando iniciais de alienação mental.

Atacado de loucura

Quaseu-se a polícia Luisa Rosa Paz, na Nova da Piedade, 93, 3.º, de que seu marido Manuel Higino da Paz, de 60 anos, empregado na alfândega, desapareceu da casa, quando iniciais de alienação mental.

Atacado de loucura

Quaseu-se a polícia Luisa Rosa Paz, na Nova da Piedade, 93, 3.º, de que seu marido Manuel Higino da Paz, de 60 anos, empregado na alfândega, desapareceu da casa, quando iniciais de alienação mental.

Atacado de loucura

Quaseu-se a polícia Luisa Rosa Paz, na Nova da Piedade, 93, 3.º, de que seu marido Manuel Higino da Paz, de 60 anos, empregado na alfândega, desapareceu da casa, quando iniciais de alienação mental.

Atacado de loucura

Quaseu-se a polícia Luisa Rosa Paz, na Nova da Piedade, 93, 3.º, de que seu marido Manuel Higino da Paz, de 60 anos, empregado na alfândega, desapareceu da casa, quando iniciais de alienação mental.

Atacado de loucura

Quaseu-se a polícia Luisa Rosa Paz, na Nova da Piedade, 93, 3.º, de que seu marido Manuel Higino da Paz, de 60 anos, empregado na alfândega, desapareceu da casa, quando iniciais de alienação mental.

Atacado de loucura

Quaseu-se a polícia Luisa Rosa Paz, na Nova da Piedade, 93, 3.º, de que seu marido Manuel Higino da Paz, de 60 anos, empregado na alfândega, desapareceu da casa, quando iniciais de alienação mental.

Atacado de loucura

Quaseu-se a polícia Luisa Rosa Paz, na Nova da Piedade, 93, 3.º, de que seu marido Manuel Higino da Paz, de 60 anos, empregado na alfândega, desapareceu da casa, quando iniciais de alienação mental.

Atacado de loucura

Quaseu-se a polícia Luisa Rosa Paz, na Nova da Piedade, 93, 3.º, de que seu marido Manuel Higino da Paz, de 60 anos, empregado na alfândega, desapareceu da casa, quando iniciais de alienação mental.

Atacado de loucura

Quaseu-se a polícia Luisa Rosa Paz, na Nova da Piedade, 93, 3.º, de que seu marido Manuel Higino da Paz, de 60 anos, empregado na alfândega, desapareceu da casa, quando iniciais de alienação mental.

Atacado de loucura

Quaseu-se a polícia Luisa Rosa Paz, na Nova da Piedade, 93, 3.º, de que seu marido Manuel Higino da Paz, de 60 anos, empreg